

## AS FLEXÕES VERBAIS DE PERFECTIVO E IMPERFECTIVO E AS IMPLICAÇÕES ASPECTUAIS EM PERIFRASES VERBAIS

Sirlei CAVALLI (UFPR)

**ABSTRACT:** This paper aims to formulate an adequate account of the semantics of perfective and imperfective aspect in verbal periphrases. The discussion of verbal periphrases is determined aspectually considering the auxiliary verb of Brazilian Portuguese such as "to continue", "to walk", "to live" and "to stay".

**KEYWORDS:** *semantics; perfective; imperfective; aspect; verbal periphrase.*

**0. Introdução:** Muito tem se discutido sobre verbo e tudo que a ele diz respeito: tempo, aspecto, modalidade, auxiliarização e gramaticalização, isso só para destacar alguns pontos. Porém, não há concordância nas teorias lingüísticas, por exemplo, a respeito do que seja um verbo auxiliar na formação perifrástica, muito menos se podemos chamar de perífrase uma construção com verbos conhecidos como aspectualizadores. Por isso, neste trabalho, apresentamos um panorama geral das discussões feitas por alguns teóricos desta área, a respeito dessa distinção. Sabemos, por exemplo, que tradicionalmente vemos no verbo a palavra que indica tempo na Língua Portuguesa e o classificamos como dinâmico. Tanto é assim, que manuais didáticos e gramáticas tradicionais costumam conceituá-lo como “*palavra de forma variável que exprime o que se passa, isto é, um acontecimento representado no Tempo*” (Cunha e Cintra, 1985). Também sabemos que intimamente ligada ao Tempo está o Aspecto que “...trata... da constituição interna de uma situação” (Comrie, 1976), ou seja, esta categoria gramatical nos mostra que os eventos têm: início, meio e fim; são momentâneos ou durativos; ou mais precisamente são perfectivos (conclusos) ou imperfectivos (inconclusos). Procuramos, então, esclarecer e relacionar esses conceitos às perífrases analisadas, distinguindo-nas quanto às leituras denotadas por elas. Observando sentenças como as abaixo o que se tem dito da formação da perífrase é que o primeiro deles é um verbo auxiliar e o segundo é pleno.

(1) “...e esse por várias vezes **anda atacando** muito essa região...” (VARSUL)

(2) “...**vive vencendo** a dívida (...) e o país não tem condições pra ir...” (VARSUL)

(3) “Os Estados Unidos **têm acusado** o Irã de planejar ...armamentos nucleares.” (FOLHA ONLINE, 29/04)

(4) “O Vaticano **fica condenando** há séculos ainda que com variada veemência, o uso de preservativos, casamentos homossexuais...” (FOLHA ONLINE, 29/04).

Contudo, essa distinção só inicia o nosso trabalho, já que há construções sintaticamente bastante semelhantes que não são encaixadas nessa nomenclatura, como é o caso das destacadas nas sentenças a seguir:

(5) “...são meninos, e um deles **começa** a cantar uma música, outros ...” (Folha on-line, 20/007/2006)

(6) “O Hezbollah **continua** lançando foguetes contra Israel” (FOLHA ONLINE, 20/007/2006)

(7) “Outro brasileiro, Rafael Araújo **acaba** de trocar de time....” (FOLHA ONLINE, 20/007/2006)

Portanto, versamos em direção de uma tentativa de explicitar e mostrar que essas construções perifrásticas se distinguem de diversas maneiras: há construções com auxiliares que denotam tempo e outras que denotam aspecto. Demonstraremos, também, a diferença de verbos que funcionam como aspectualizadores em uma sentença. Para isso, usamos sentenças coletadas no banco de dados do Projeto VARSUL/PR (linguagem oral) e outras da Folha Online (linguagem escrita). As perguntas a serem respondidas são: o uso indiscriminado tanto de um auxiliar (como nos exemplos dados acima) acarreta alguma diferença de leitura para as sentenças em que eles ocorrem? O que diferencia uma auxiliar temporal de um aspectual ou de um aspectualizador? Qualquer verbo pode ocupar “espaço” de um auxiliar? Como defino se um auxiliar tem marca aspectual?

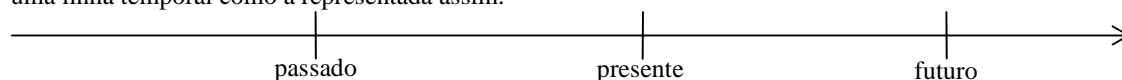
As hipóteses são de que a perífrase verbal é um complexo verbal formado por um auxiliar mais um verbo principal na forma infinitiva, no gerúndio ou no particípio. A forma principal carrega a denotação do

evento, da ação, expressando o significado principal, “verbo de sentido pleno” (Ilari 1990). Além de que o segundo verbo é que seleciona argumentos (interno e externo, ou seja, sujeito e complementos). O auxiliar marca as determinações gerais de número, pessoa, modo, tempo e também aspecto. A marca principal de diferenciação de um auxiliar que é temporal de outro que é aspectual seria um traço caracterizado por Squartini 1998 chamado de “persistência semântica”, além de envolver noções como de gramaticalização e auxiliarização. Semanticamente, envolve interpretação aspectual dependendo da composicionalidade da sentença, uso de advérbios ou flexão verbal. Os auxiliares (como por exemplo: *andar, ficar e viver, etc*) no presente do indicativo carregam historicamente o traço de duração, homogeneidade e atelicidade (Cardoso e Pereira 2003). Pode-se acrescentar a isso as marcas flexionais do verbo principal: a terminação do gerúndio faz com que a contagem do tempo cubra o intervalo todo de tempo. Além disso, faz referência a um período e neste alguma coisa tem duração (habitualidade) ou se repete (iteratividade). A sucessão de eventos começa, mas não necessariamente termina, em função do *-ndo*, havendo sobreposição dos subeventos dentro de um intervalo de tempo. Ou então, há repetição do evento no intervalo com um escalonamento no tempo.

Já o verbo aspectualizador é aquele que sozinho e não o complexo verbal inteiro seleciona um argumento, o segundo verbo. Este nomeia o evento, sobre o qual o aspectualizador opera, indicando, portanto, o aspecto em que o evento ocorre: durativo, por exemplo, como em (6). Nessa sentença há imperfectividade, enquanto em (5) e (7) há perfectividade, já que o verbo *acabar* marca o ponto final da ação, o aspecto terminativo e o verbo *começar*, marca o ponto inicial da ação, portanto, o aspecto inceptivo. Além disso, os aspectualizadores são usados como verbos plenos, ou seja, não estão em processo de gramaticalização como os auxiliares. Além dos verbos auxiliares estarem em processo de gramaticalização em PB (os aspectualizadores resistem ao processo), eles perdem transitividade e atribuição temática, já que esta é dada pelo verbo de sentido pleno na perífrase. Dado esse panorama geral, queremos aqui demonstrar que os verbos tradicionalmente chamados de verbos de ligação (*andar, viver, ficar e continuar, principalmente*) podem, também, serem categorizados como auxiliares aspectuais em formações perifrásticas.

## 1. Perspectiva teórica:

**1.1. A interpretação de Tempo e de Aspecto sob perspectiva de alguns teóricos:** Henriette de Swart em “Mundos e Tempos” (capítulo 9 do livro *Introduction to Natural Language Semantics*) desenvolve um modelo semântico para a questão do tratamento do Tempo. Para a autora, o tempo é expresso por tempos verbais, advérbios temporais e por conectivos temporais. A autora propõe que a estrutura temporal seja analisada como uma linha temporal como a representada assim:



Desta maneira, o Tempo seria uma “soma de instantes”, que estariam contidos em **T** (o conjunto de todos os instantes de tempo). Para a autora, o Tempo é apresentado como uma linha temporal em que há o momento de fala (agora = presente), os acontecimentos ocorridos antes do momento de fala (o passado) e os acontecimentos ocorridos depois do tempo de fala (o futuro). Para o Passado e o Futuro, a autora apresenta operadores como **F**(futuro) e **P** (passado). Esses operadores quantificariam em cima das vezes de **T** com respeito ao qual uma proposição é válida. Esses operadores (**P** e **F**) seriam lidos como: Era o caso em algum tempo (instante/momento/intervalo) no passado que o “fato ocorreu” (**P**) e será o caso em algum tempo no futuro que o “fato ocorrerá” (**F**). A função **P** e **F** seriam modificadores sentenciais, ou seja, funcionariam como operadores que modificariam em cima do Tempo.

O momento de fala seria o **T<sub>0</sub>**, um operador proposto para o Presente. O passado e o futuro seriam quantificados a partir desse **T<sub>0</sub>** como uma soma de instantes. Swart 1998 apresenta uma questão interessante: o Passado seria um **T** mais fixo com propriedades difíceis de modificar (não podemos voltar e mudar as ações ocorridas). Já o futuro é aberto, parecendo com a Modalidade (expressa a possibilidade do acontecimento), ou seja, o futuro é algo incerto que o sistema lógico não poderia prever como Verdade do evento (apenas se recorrermos a Noção de Mundos Possíveis – noção essa também abordada pela autora). A teoria de “Mundo Possível” é interessante para interpretação de muitas sentenças em Língua Portuguesa, pois prevê a existência de um Mundo ordinário (o “real”) além de outras possibilidades como o mundo da ficção, o mundo da imaginação, da possibilidade, da modalidade, e assim por diante. Uma sentença seria bem formada em um desses “Mundos possíveis” (se não no ordinário/real em qualquer outro) podendo, então, ser interpretada. Como conectivo temporal, ela apresenta uma sentença do tipo “Quando ela chegou, eu saí.” em que a idéia dada pelo “quando” seria de dois eventos ocorrendo simultaneamente: o momento da chegada e da saída dos indivíduos envolvidos nos eventos descritos na sentença, em um mesmo Instante de Tempo.

Ao apresentar essa idéia de

Instante e também de Intervalo, a autora remete-se à Bárbara Hall Partee 1988, que faz uma diferenciação entre tempo e intervalo. Tempo (**T**) é concebido como *momento* e Intervalo (**I**). Para a autora, o tempo reflete nossa intuição de que o **T** é infinito, ordenado, ou como tendo pontos (partes) finais ou iniciais. Ao referir-se às classes verbais, ela enumera três: os Estativos, pois não é possível produzir a forma progressiva, como: *feliz, amar, acreditar*; os Subintervalos que têm a propriedade de o evento ser verdadeiro em um Intervalo de Tempo (**I**) e em cada um de seus subintervalos, incluindo o momento do tempo em **I**, exemplo: *andar, empurrar um carrinho*, etc; e por último os Não-estativos e não-subintervalos que por não serem nem estativos, nem tendo propriedades de ter um intervalo, como *morrer ou ir para Roma*, são verbos que indicariam Momentos. Ou seja, o evento ocorre em um Instante de Tempo.

Uma aproximação alternativa a esta foi desenvolvida por Reichenbach 1947, que envolve uma representação de tempos naturais em termos de três momentos: momento de fala (**MF**), momento de evento (**ME**) e momento de referência (**MR**). Os três tempos seriam apresentados separando os momentos temporais com travessão e a vírgula serviria para representar ações que ocorrem simultaneamente, formalizado os tempos da seguinte maneira: Presente = MF,ME,MR; Passado = MR,ME — MF e Futuro = MF — MR,ME. Corôa 2005 diz que o **ME** é aquele em que se dá o evento descrito, seja ele também um processo ou ação, ou seja, é o momento da predicação. O **MF** é o tempo da enunciação (da realização da fala) e o **MR** é “o sistema fixo com respeito ao qual se definem simultaneidade e anterioridade: é a perspectiva do tempo relevante, que o falante transmite ao ouvinte, para a complementação do ME” (p. 41).

Porém, em relação à diferença entre Instante e Intervalo vale lembrar a classificação e a caracterização dos verbos em classes distintas. Uma das mais conhecidas é a proposta por Vendler 1976 em que este divide os verbos em quatro categorias baseadas também na noção de intervalos de tempo: Vendler classifica as situações em Atividades (ações): eventos homogêneos (“Ele correu”); “Accomplishments” (processos): eventos prolongados (“Ele construiu a casa”); “Achievements”: eventos instantâneos: (“Ele alcançou o topo da montanha”) e Estados: propriedades (Ele conhece matemática”):

Atividades e “Accomplishments” partilham entre si a propriedade de serem situações que têm fases, o que os diferencia dos “Achievements” e Estados que são situações sem fases. Por outro lado, os “Accomplishments” e os “Achievements” constituem situações que contêm um ponto final, enquanto as Atividades e os Estados são eventualidades sem ponto final. Esta tipologia sofre várias críticas por ser entendida como de natureza essencialmente lexical, porém, muitas vezes infundadas, já que Vendler prevê que um mesmo verbo pode exprimir diferentes valores aspectuais em função de outros elementos a que se associa: objeto direto, advérbios, etc. Desta maneira, podemos dizer que os verbos “accomplishments” e os “activities” são relacionados aos Intervalos de Tempo, assim como os “estativos”. Ou seja, imperfectivos. Porém os “Achievements” são relacionados a eventos ou ações pontuais, ou seja, a Instantes de Tempo, podendo ser associados ao aspecto perfectivo. Contudo, não podemos esquecer que um verbo pode mudar sua classe conforme composicionalidade da sentença.

Castilho 2003 em seu texto “*Aspecto Verbal no Português falado*” refere-se também ao tempo remetendo a sua significação à situação de fala (anterioridade, simultaneidade e posterioridade), dependendo da noção de intervalo ou duração. Castilho retoma a noção de Aktionsart de Vendler apontada acima, porém estende-a para noções de Perfectivo (ação pontual) e Imperfectivo (ação inacabada), verbos télicos (indicam ponto final da ação) e atélicos (indicam não pontualidade da ação). Contudo, podemos pensar que verbos télicos podem ser recategorizados conforme uso de advérbios, expressões adverbiais quantificadoras, etc. Para ele, o aspecto é uma propriedade da predicação, em que o falante combina diversos recursos lingüísticos para decodificar os significados, como, por exemplo, em “*Cada vez mais o comprador adquire mais mercadorias*”. Aqui temos um verbo no presente do indicativo indicando habitualidade da ação, porém, a expressão “cada vez mais” associa a essa leitura uma repetição do evento.

Para as sentenças com perífrases verbais, Castilho deixa em aberto as possibilidades de leitura. Estas podem indicar tanto duratividade quanto iteratividade. Em “*Ele continua falando*” a leitura durativa prevalece. Já em “*O ambiente está sendo poluído brutalmente pelo homem*” temos uma leitura habitual. Observa-se esta mesma questão com perífrases em “*Meu provedor tem o anti-spam, mas **tenho tido** problemas com isso*”. “*Tenho tido*” remete a uma idéia de duração ou iteratividade? “*Problemas*” podem ocorrer um de cada vez, dado este, confirmado pelo uso do plural na posição de objeto direto. Por isso, dizemos que nessa sentença a leitura iterativa tem mais força.

Outro teórico que busca respostas para as questões temporais e aspectuais é Ilari 1997 que trata o tempo relacionando fatos com determinadas relações cronológicas (durações e relações de simultaneidade, anterioridade e posterioridade). Neste sentido, o autor trabalha com as idéias de Reichenbach (ME,MR e MF), também já mencionado anteriormente. Contudo, o que se percebe ao decorrer das análises apontadas por Ilari é o

que já dissemos acima: não é possível fazer uma leitura única do verbo para verificar a expressão de tempo e muito menos de aspecto. Não é somente o morfema verbal, o léxico, ou a construção gramatical que define a leitura em uma sentença. Fica evidente em muitos momentos de sua obra que estas leituras estão condicionadas a um comportamento composicional: ora é necessário verificar as construções em relação aos adjuntos, ora em relação às perífrases verbais, à quantificação, a ocorrência de certos auxiliares, etc..

Ilari trata em um capítulo específico as **perífrases verbais**, distinguindo auxiliares de tempo e verbos plenos, apresentando um interessante questionamento: “A presença do auxiliar acarreta algum efeito sistemático na interpretação temporal da sentença? Qual?” O autor deixa essa questão em aberto, a qual procuramos responder. Um ponto particularmente interessante dentre as perífrases é em relação às construções com *ter*+particípio, em que se veicula a elas valores iterativos ou durativos. Para a iteratividade (chamada por Ilari de “reiteração”), o autor afirma que sua leitura é dada pela ação combinada de vários fatores: morfemas verbais, adjuntos, ocorrência de certos auxiliares, quantificadores. Para a interpretação iterativa, o uso do presente e do imperfeito parece mais aceitável. A pluralização no NP objeto afeta a leitura aspectual, pois, a princípio, o que parece é que codifica a uma leitura iterativa. Portanto, como verificamos nas obras dos diferentes autores consultados, é necessário uma certa cautela ao se afirmar que uma sentença denota esta ou aquela leitura, seja temporal ou aspectual. Isso porque há diferentes fatores interferindo, sejam eles de natureza lexical (a classe aspectual a que o verbo pertence), sejam de natureza sentencial (uso de certos advérbios, argumento interno, associação à flexão verbal, etc.).

**1.2. A história dos auxiliares e o traço de duração:** É consenso na literatura linguística a afirmação de que os verbos auxiliares derivam, por processo de gramaticalização<sup>1</sup>, de verbos plenos. Mas não são quaisquer verbos que podem assumir historicamente o comportamento de auxiliar. Há traços semânticos, presentes em todos eles, que permanecem desde a fase lexical até a fase gramatical: o traço de duração e atelicidade. É um fenômeno conhecido como “persistência semântica” (Squartini 1998), em que algum valor semântico lexical do verbo pleno se mantém durante o processo de gramaticalização. Tomando, inicialmente, perífrases verbais, com os verbos *vir*, *ter*<sup>2</sup>, (*vir*+gerúndio — VG e *ter*+particípio — TP), com verbos auxiliares no presente do indicativo, observamos que denotam, ambas, **leitura iterativa**.

(8) João vem comprando/ tem comprado carros.

(9) João vem comprando/ tem comprado carro.

(10) João vem comprando / tem comprado três carros.

(11) João vem comprando/ tem comprado carros sempre/ a cada semana, etc.

Em sentenças como as de cima, a iteratividade está presente: entendemos que João compra um carro, depois outro e outro num dado intervalo de tempo (8). Porém há uma diferenciação dada pelo complemento verbal: ora, numa leitura episódica (em um instante de tempo), João pode comprar os três carros (10). Nesta sentença também podemos entender como a compra de um carro, depois outro, depois o terceiro. Ou então, habitualmente compra carro (9). Tomamos como pressuposto aqui que a iteratividade é dada pela junção de dois fatores principais: a flexão verbal (-do – perfectivo e -ndo – imperfectivo) mais a junção dos auxiliares “*vir*” e “*ter*” no presente do indicativo. Ou seja, além de auxiliares, ambos passam a ter um valor aspectual. Assim sendo, a desinência verbal será relevante para um determinado tipo de leitura: TP é iterativo e VG é habitual. O verbo *ter* como auxiliar, mantém o traço de duração, peculiar ao uso no presente do indicativo, e o sentido de *posse*. Ele se Junta ao verbo pleno no particípio e a sentença passa a ser iterativa, com contagem escalonada no Intervalo de Tempo. Já o verbo *vir* como auxiliar, também mantém o traço de duração, devido ao uso no presente do indicativo e o sentido de *movimento*. Ao juntar-se ao verbo pleno no gerúndio a sentença passa a ter uma leitura habitual. Ou seja, esses auxiliares denotam intervalos de Tempo durativos dentro dos quais se inclui o(s) intervalo(s) do verbo principal (Wachowicz 2005).

---

<sup>1</sup> O processo de gramaticalização envolve qualquer tipo de função gramatical. Através desse processo, itens lexicais e construções sintáticas passam a assumir outras funções. É um processo histórico unidirecional (léxico>sintaxe>morfologia) através do qual esses elementos, em determinados contextos assumem funções gramaticais, e uma vez gramaticalizados, continuam a desenvolver outras funções gramaticais. (Squartini 1998).

<sup>2</sup> Cavalli 2005. Os exemplos foram criados, a princípio, para o levantamento das hipóteses iniciais, para depois haver coleta de dados no banco de dados do VARSUL/PR e FOLHA ONLINE.

Assim procuramos atestar essas colocações preliminares e consultamos Mattos-e-Silva 1989, 2001, que trata de ocorrências do português arcaico (entre os séculos XIII, XIV e XV), dos verbos *ser/haver/ter* + participípio, *ser/jazer/estar/andar/ir* + gerúndio e verbos quaisquer + infinitivo. As autoras assumem que os auxiliares derivam de um processo de gramaticalização, em que o sentido de verbo pleno vai se perdendo e, combinados com as formas nominais do verbo principal, tornam-se “suporte das marcas de modo/tempo e pessoa/número da seqüência verbal” (Mattos-e-Silva 2001: 62). No caso de sentenças com *ter* + participípio das sentenças acima explicitadas, o valor aspectual antigo era de ação conclusa, perfectiva. Para a autora esta forma só se fixa no português como perífrase quando o verbo *ter* perde sentido de **posse** e o participípio deixa de ser flexionado em concordância com o objeto direto da sentença<sup>3</sup>. Porém verificamos que estas perífrases acabam tendo algum resquício deste sentido primeiro de **posse**. Com relação às perífrases de gerúndio, a autora diz os verbos *ir* e *andar*, tal como o *estar*, gramaticalizaram-se: “*Ele vai pensando nisso/Ele anda pensando nisso*”. Podemos verificar isso também, por analogia, com o verbo *vir* nas sentenças de (8) a (11).

Cardoso e Pereira 2003, preocupam-se, assim como as autoras citadas acima, com a história das seqüências com *ter*+participípio, porém pensando também em questões aspectuais. Segundo elas, houve processo de gramaticalização do verbo *ter*, expressando agora um valor aspectual durativo. Além de associa-se ao participípio que possui perfectividade. Assim a perífrase verbal, como assumimos tem um valor iterativo, no uso contemporâneo. Com relação aos trabalhos de Mattos-e-Silva 2001 e Cardoso e Pereira 2003 o que nos chama a atenção é o que diz respeito às propriedades semânticas dos verbos auxiliares que para elas trazem os traços de duratividade e homogeneidade, não denotando telicidade ou pontualidade, como é o caso do *ter*. numa perspectiva como a de Bertinetto 2001, que subespecifica as classes aspectuais vendlerianas em traços, são ou estado ou atividade:

	Durativo	Dinâmico	Homogêneo
<b>Estados</b>	+	-	+
<i>Atividades</i>	+	+	+
<i>Achievements</i>	-	+	-
<i>Accomplishments</i>	+	+	-

Tabela 1: Subespecificação em traços das classes vendlerianas, de Bertinetto 2001

Os traços de Bertinetto podem ser durativo, ou seja, um evento tem duração no tempo; podem ser dinâmicos quando um evento tem agentividade do sujeito e homogêneo quando um evento não muda de natureza. *Accomplishments* e *achievements* não são homogêneos porque têm telicidade. Os *achievements* não são durativos porque são pontuais. Assim, verbos *accomplishments* ou *achievements* não entram em lugar de auxiliar; só ocorrem em seqüências verbais ditas de predicação secundária (FOLTRAN 1999) como exemplificado em: *João clica no link pensando em você*.

Cardoso e Pereira 2003 assumem que o verbo *ter* é portador do traço durativo, conforme já visto acima. Porém, o processo de gramaticalização do auxiliar não é homogêneo. Por exemplo, para Mendes 1999, o processo de gramaticalização é um processo diacrônico que envolve noções morfológicas e é unidirecional por natureza. Os verbos apresentam geralmente as seguintes ‘fases’ de gramaticalização: verbo pleno > verbo auxiliar > clítico > afixo > zero. O que é interessante observar é que os verbos analisados (*vir*, *ter*) parecem estar cada um em um estágio diferente de gramaticalização. O verbo *vir* parece ser o menos gramaticalizado, pois ainda mantém significado ‘referencial’ de localização espacial, como em (12).

(12) Muitas pessoas vêm pra cá tentando abrir postos. (Londrina, PR, VARSUL)<sup>4</sup>

Portanto, verificamos que embora em estágios diferentes de gramaticalização os verbos *vir* e *ter* são auxiliares.

**1.3. A semântica dos auxiliares e as irregularidades temporais e aspectuais:** Como esboçamos acima, iteratividade não é uma propriedade do léxico nem da flexão verbal; mas sim das combinações destes dois mais quantificação/modificação argumental e modificação adverbial, que resultam no valor final da sentença (Castilho 2002: 116). Além disso, a iteratividade acontece em decorrência da duração e homogeneidade presentes no léxico

<sup>3</sup> Ilari 2002, em revisão da literatura sobre a perífrase, denomina essas perífrases de passado composto.

<sup>4</sup> Exemplo extraído do projeto VARSUL, coletado por Cavalli 2005.

do auxiliar, bem como na imperfectividade do presente simples, como afirmamos neste trabalho e em Cavalli 2005. Porém, variando a flexão verbal, variam também as leituras aspectuais e temporais. No passado imperfeito, o verbo *vir*, por conta da flexão, exibem ação conclusa (15a), iterativa ou não, dependendo do léxico do verbo principal. Mas o verbo *ter* passa a ter leitura temporal: é como se ele desdobrasse o tempo em dois, localizando o evento do principal num momento anterior ao dele (15b):

- (13) a. Os policiais vinham enfrentando problemas no trânsito.  
b. Marta tinha pagado as contas em dia.

O caso de (13b) é o que Longo & Campos 2002 chamam de perífrase temporal, em que o verbo auxiliar tem localização temporal separada do verbo principal, e em que o verbo auxiliar temporal, diferentemente dos auxiliares aspectuais, atingiu “grau mais alto no processo de gramaticalização” (p. 456). Retornando às variações flexionais dos verbos auxiliares, se estes estiverem no passado perfeito, há novas interpretações. O verbo *vir* aceita essa forma (14a), pois mantém significado de verbo pleno em ação conclusa. Por outro lado, o verbo *ter* fica inaceitável (14b), o que parece evidenciar que dois contextos perfectivos não ocupam o mesmo lugar dentro da sentença:

- (14) a. Os policiais vieram enfrentando problemas no trânsito.  
b. \* Marta teve pagado as contas em dia.

O que estamos mostrando aqui é que essas variações temporais do verbo auxiliar participa da leitura tanto temporal quanto aspectual. Mais ainda, cada estrutura sentencial, com suas opções lexicais, temporais, quantificacionais, adverbiais, etc, exibe um comportamento complexo próprio, com implicações semânticas e históricas diferentes em relação a outras estruturas.

**1. 4. A terminologia:** Como dito no início deste trabalho não há consenso na literatura a respeito do que estamos aqui chamando de perífrase com auxiliar temporal ou aspectual, ou então com verbo aspectualizador (este apresentaremos mais adiante). Em relação ao que seja realmente um auxiliar há uma variada gama de informações, ora contrárias ora favorável a respeito, as quais apresentamos brevemente nas seções anteriores. Porém, abaixo, fizemos uma síntese de alguns outros autores que se referem especificamente à nomenclatura aqui utilizada<sup>5</sup>:

☞ Câmara Jr (1979: 163-170): O auxiliar tem significado gramatical (categorias de número, pessoa, tempo e modo) e junto ao segundo verbo (infinitivo, gerúndio ou particípio) têm significação: aspecto permansivo (*ter* + *particípio*), duração estática (*estar* + *gerúndio*), duração dinâmica (*ir*, *vir* e *andar* + *gerúndio*), aspecto terminativo (*acabar* + *gerúndio* ou *infinitivo*), aspecto inceptivo (*começar* + *infinitivo*).

☞ Mattos-e-Silva (1989: 437-471): No corpus do português arcaico analisado, do séc XIII ao final do século XIV, *ter* e *haver* + *particípio* sempre carregam traço transitivo; *andar*, *seer*, *jazer*, *estar* e *ir* + *gerúndio*, em ordem decrescente de número de ocorrências, são mais estruturas bi-sentenciais do que perífrases com auxiliares.

☞ Perini (1989: 228-239): O auxiliar é verbo, mas é uma subclasse especial, pois submete-se a regras sintáticas distintas.

☞ Castilho (2002: 90-94): o auxiliar contribui à leitura composicional do aspecto. Entre os auxiliares e os plenos, há os auxiliantes (movimento e estado).

☞ Neves (2000: 25-65): há verbos que predicam (permanecer, por exemplo), que são diferentes dos verbos modalizadores (dever, poder, por exemplo), aspectuais (*acabar*, *começar*+ *gerúndio*, por exemplo) e auxiliares (*ter*+*particípio*, por exemplo).

☞ Squartini (1998: 1-34): o verbo auxiliar está em processo de gramaticalização, mas mantém o traço de “persistência semântica”. Sua produtividade depende do traço que persiste.

☞ Verkuyl (1999: 82-92): os aspectualizadores diferem dos auxiliares por promoverem uma restrição na predicação da sentença: *begin*, *stop*, *finish*, *complete*, *keep*, *continue*. Não precisam necessariamente estar em perífrases: *John began a book*.

No geral o que podemos concluir é que os autores defendem que os auxiliares são verbos que perdem semântica lexical e entram em gramaticalização em perífrases verbais.

---

<sup>5</sup> Cavalli & Wachowicz 2006 (handout), apresentação no 54º GEL/SP

**1.5 A variação sintático-semântica:** Algumas considerações sintático-semânticas interessantes podemos concluir depois dos autores apresentados: uma delas é que os auxiliares eram verbos plenos, perderam transitividade (Perini 1989) e atribuição temática (Cançado 2002) porque estão em processo de gramaticalização. O verbo *ter*, por exemplo, tinha transitividade que foi perdida. Ou seja, tínhamos sentenças do tipo “O João tem a casa pintada” (Mattos-e-Silva 1989) e hoje participa da formação perifrástica em sentenças do tipo “João tem pintado a casa todos os anos”. Já o *vir*, como mostramos anteriormente, com locativos recupera seu significado pleno de movimento — (12) repetido aqui em (15):

(15) “Muitas pessoas vêm pra cá tentando abrir postos.” (VARSUL/PR)

Também podemos dizer que os auxiliares que eram plenos, mantêm ainda essa ocorrência em estruturas mono-sentenciais, como nos exemplos abaixo:

(16) João tem muitos amigos.

(17) João vem muito aqui..

Alguns testes apontam que as construções perifrásticas com auxiliares têm menor aceitação da negação no meio da perífrase (20) e (21). Assim como aceitam melhor a voz passiva (Perini 1989), como em (22) e (23)

(18) ? João tem não comprado livros.

(19) ? João vem não comprando livros.

(20) Livros têm sido comprados pelo João.

(21) Livros vêm sendo comprados pelo João.

O que podemos afirmar, no entanto, é que se necessita aprofundar melhor essas questões apresentadas nessa última seção, consultando e aplicando os testes para verificarmos se essas ocorrências também podem ser generalizadas para outras construções perifrásticas e com outros auxiliares.

**2. Discussão:** Quando iniciado este trabalho, houve uma busca em manuais didáticos e gramáticas tradicionais sobre o assunto pesquisado, porém sem nos levar a lugar algum, já que não há o uso da nomenclatura proposta aqui em nenhum desses materiais. Ou seja, perífrase ou formação perifrástica é desconhecida pelos autores desses manuais e gramáticas. Há sim, a famosa nomenclatura “locução verbal” e “tempo composto”. Porém, sem uma clara distinção entre um e outro, já que para ambos a resposta é sintática, ou seja, é formado por um verbo auxiliar mais um verbo principal na forma nominal (infinitivo, particípio e gerúndio), com a distinção que o auxiliar do tempo composto é o *ter/haver*+ o particípio e para as locuções os mais citados são *ser*, *estar*, *ficar*, *permanecer*. Foi a partir daí que assumimos o que já foi posto anteriormente: perífrase verbal é um complexo verbal formado por um auxiliar mais um verbo principal na forma infinitiva, no gerúndio ou no particípio. A forma principal carrega a denotação do evento, da ação expressando o significado principal, “verbo de sentido pleno” (Ilari 1997). Além de que o segundo verbo é que seleciona argumentos (interno e externo, ou seja, sujeito e complementos). O auxiliar marca as determinações gerais de número, pessoa, modo, tempo e principalmente aspecto. Também não é qualquer verbo que pode assumir o papel de auxiliar, mas sim aqueles em que o fenômeno conhecido como “persistência semântica” (Squartini 1999) aparece. Esse fenômeno consiste em traços semânticos que se manteriam durante o processo de gramaticalização, como por exemplo, o traço de duração.

Tomamos, inicialmente, perífrases verbais no presente, com os verbos *vir* e *ter*, porém, um passo seguinte foi verificar se o que dissemos para esses verbos também vale para verbos como *andar*, *viver*, *ficar*, *continua em construções perifrásticas semelhantes*. Em sentenças como abaixo verificamos a presença do traço durativo, por exemplo:

(22) “agora ela **anda empurrando** uma cadeira com o pé assim. sabe?” (VARSUL/PR).

(23) “...que fatia do bolo energético da Terra o homem **anda mordendo**.” (FOLHA ONLINE, 30/04/2006)

(24) “elas **vivem chamando** ela de tia santa.” (VARSUL/PR)”.  
(25) “eu **vivo brigando** com meu irmão...” (VARSUL/PR)”.  
(26)“(…) Bart **continua escrevendo** suas frases famosas na lousa .”(FOLHA ONLINE, 06/2006)  
(27) “(…)o Exército **continua operando** no norte de Gaza...” (FOLHA ONLINE, 26/06/2006),”

(28) “O Hezbollah **fica** lançando foguetes contra Israel” (FOLHA ONLINE, 20/007/2006).

Como já afirmamos, por várias vezes nesse trabalho, as sentenças acima possuem ambas um valor aspectual, indicam repetição, eventos que podem ser contados e são aspectualmente muito fortes. Além disso, ambas fazem referência a um Intervalo de Tempo e neste alguma coisa tem duração ou se repete. As perífrases com o gerúndio marcam mais uma habitualidade. A sucessão de eventos começa, mas não necessariamente termina, em função do *-ndo*. A duração do evento cobre o intervalo todo de tempo. Porém, ela é ambígua, já que também posso ter uma sucessão de eventos com um fim (repetição do evento no intervalo com um escalonamento no tempo, ou seja, iteratividade). O aspecto durativo, por exemplo, em que o evento de “lançar foguetes” tem continuidade, marcado pelo verbo *continuar* em (28) é imperfectivo, assim como há duração em todas as perífrases exemplificadas acima.

Ou seja, ao analisarmos as perífrases, verificamos que os traços de duração dependem diretamente do auxiliar. Assim como as autoras Cardoso e Pereira 2003, assumimos que não importa a classe aspectual do verbo pleno para essa leitura iterativa ser veiculada, salvo que para os estativos a leitura é cursiva devido à homogeneidade característica dessa categoria verbal. Quer dizer, em estruturas, com verbos principais dinâmicos e podendo ou não aparecer adjuntos adverbiais de repetição, a leitura dada é iterativa. Em outras estruturas, com verbos não-dinâmicos, a iteratividade dá lugar a cursividade ou duratividade.

Variando a flexão verbal, variam igualmente as leituras, tanto sob o ponto de vista aspectual quanto temporal e até sob a perspectiva de gramaticalização. No passado imperfecto, o verbo *andar*, por exemplo, exhibe uma ação já concluída, sendo iterativa ou não, dependendo do léxico do verbo principal. Mas o verbo *ter* passa a ter leituras temporais, ou seja, localizando o evento do principal num dado momento anterior ao dele (29b):

- (29) a. João andava comprando carros.
- b. João tinha comprando carros.
- c. João viveu comprando carros.

Mudando o tempo verbal do auxiliar para o passado perfeito o que temos são leituras diversas e até agramaticalidade da sentença como em (30b):

- (30) a. João andou comprando carros.
- b. \*João teve comprando carros.
- c. João ficou comprando carros.

Portanto, uma primeira conclusão a que chegamos é que variando a flexão verbal teremos oscilações entre uma leitura aspectual e uma temporal dadas pelo auxiliar na formação da perífrase. O que podemos dizer é que diferentemente de Ilari 1997 que trata de muitas construções perífrásticas em seu capítulo “As perífrases de tempo”, buscamos respostas para indicá-las como perífrases em que o verbo auxiliar operaria sobre o evento indicando sim um valor aspectual. Vejamos outro exemplo:

(31) “... Globo na disputa pelos direitos de exibição de “A Paixão de Cristo”, de Mel Gibson. **acaba** de comprar o filme da Fox.” (FOLHA ONLINE, 15/06/2006)”.

Tendo como pressuposto que o argumento interno de comprar – o filme- tem leitura específica, inferimos, então, que a ação da compra desse filme acaba de acontecer, em um tempo posterior ao momento de fala. Porém, além dessa marca temporal, o auxiliar, aqui chamado de aspectualizador, indica que a ação é conclusa, pois denota um ponto específico no intervalo de tempo, parecendo inclusive com um valor episódico. Ou seja, a ação é pontual, perfectiva. Mesmo mudando a flexão verbal (pretérito perfeito –ou, pretérito imperfecto –ava) a temporalidade da ação também muda, contudo continua a assinalar a aspectualidade da ação, ou seja, sua perfectividade. Esse mesmo raciocínio pode ser veiculado às perífrases exemplificadas abaixo, mudando somente o caráter aspectual de cada uma das sentenças, iniciar ou continuar uma ação.

(32) “O governo **começa a agir** para construir maioria e vencer a batalha na votação”. (FOLHA ONLINE, 11/06/2006)

(33) “Mas querem mostrar que são meninos, e um deles **começa** a cantar uma música...” (FOLHA ONLINE, 20/007/2006).



Esses verbos aspectualizadores, como pudemos verificar em pesquisa anterior<sup>6</sup> continuam sendo usados em seu sentido pleno, embora os auxiliares (*ter* e *vir*) tendam a estar em processo de gramaticalização, como já falamos e na formação perifrástica mantenham resquícios de algum traço semântico (“persistência semântica” Squartini 1998) denotados quando plenos (posse para o *ter* e movimento para o *vir*, assim como, também, *o andar, o viver e o ficar*, por exemplo). Já os aspectualizadores funcionam como operadores sobre o evento denotado pelo complemento direto. Eles marcam no intervalo de tempo denotado pelo infinitivo ou gerúndio a pontualidade (Instante) da ação expressa por estes. Isso é verificada nas sentenças dadas acima: o aspecto inceptivo com o verbo *começar*, ou seja, marca o ponto inicial do evento de agir do governo em (32) e de cantar pelo menino em (33). O aspecto durativo em que o evento de “lançar foguetes” tem continuidade, marcado pelo verbo *continuar* em (26 a 28) é imperfectivo.

Para o aspectualizador *começar* em todas as sentenças encontradas ele opera sobre um evento marcando seu ponto inicial (aspecto inceptivo). Já o *acabar* marca o termino da ação (aspecto terminativo). Portanto são dois verbos que tem como característica principal serem perfectivos. Com o verbo *continuar* encontramos sentenças em que impera a leitura durativa, sendo este dentre os aspectualizadores pesquisados aquele que marca a imperfectividade da ação dada pelo segundo verbo. Contudo é necessário uma continuidade na pesquisa, principalmente porque há uma nebulosidade ainda sobre esses tipos de verbos. Porém nossa proposta aqui é tratarmos todas essas construções como perífrases primeiramente, ou seja construções em que há dois verbos, embora diferenciemos aquelas em que há um auxiliar daquelas em que há um verbo aspectualizador.

Portanto, os auxiliares aspectuais têm relação de inclusão entre os intervalos denotados pelo tempo de referência e tempo de evento (Wachowicz 2005). Enquanto os aspectualizadores denotam pontualidade da ação, são os achievements (Vendler 1967, Dowty 1979), Além de selecionarem e operarem sobre um complemento eventivo (como exemplificado acima) ou temporal (aqueles que indicam Intervalos de Tempo, mesmo que esteja incluído na informação lexical (Pustejovsky 1996)). Também são chamados de restritores de intervalos (Verkuyl 1999). Vejamos essas colocações através das sentenças abaixo:

(34) João começou a ler o livro.

(35) João começou o dia lendo o livro.

(36) João começou o livro.

Em (34) temos a marcação de um ponto — de um Instante — em que o verbo “*começar*” opera sobre o complemento eventivo “ler o livro”, ou seja, marca o início desse evento. Em (35) temos um complemento temporal que denota um Intervalo de Tempo: “*o dia*”. Neste Intervalo de Tempo é marcado o início em que, a partir deste Instante, o evento de “ler o livro” se dá. Em (36) podemos ter uma ambigüidade (ler ou escrever o livro), porém, novamente, temos a marcação inicial (Instante) do evento de “ler/escrever o livro”, já que para Pustejovsky 1996 o léxico “livro” tem o traço télico (possui um ponto final) e agentivo (necessário um agente, no caso da sentença acima “o João”, para que o evento inferido se realize). Portanto, como já dissemos anteriormente, é necessário muito mais que uma distinção entre Instante e Intervalo de Tempo, já que ambos estão relacionados não somente à categoria Tempo, mas também ao Aspecto. Ainda podemos relacioná-los a toda composicionalidade da sentença: classe aspectual do verbo, flexão verbal, complementos e adjuntos adverbiais e complementos com determinados sintagmas nominais...

**3. Considerações finais:** Os auxiliares denotavam eventualidades estativas e entram em processo de gramaticalização; além de manterem por persistência semântica os traços de accionalidade. Então, os auxiliares parecem ser estativos e também perdem transitividade e atribuição temática. Eles denotam intervalos de tempo durativos dentro dos quais se inclui o(s) intervalo(s) do verbo principal (Wachowicz 2005). Podem ser diferenciados entre temporais (principalmente quando usado no passado) e aspectuais (principalmente quando usados no presente do indicativo). Essa última afirmação ainda precisa ser checada mais profundamente, embora os indícios verificados nas sentenças coletadas comprovem-na.

Os aspectualizadores denotam eventualidades pontuais, são achievements (Vendler 1967, Dowty 1979), ou seja, têm traços semânticos de accionalidade pontual. Além disso, não estão em processo de gramaticalização como os auxiliares e tão pouco perdem transitividade. A atribuição temática é feita pelo evento denotado pelo segundo verbo, sendo, portanto, operadores sobre os eventos denotados pelo complemento direto,

---

<sup>6</sup> Pesquisa de Iniciação Científica da UFPR: tanto o trabalho de pesquisa com TP e VG quanto com os aspectualizadores foi efetuado em 2004 e 2005 tendo como orientação a professora/doutora Teresa Cristina Wachowicz .

como restritores de intervalos (Verkuyl 1999). Apesar de haver uma distinção lexical entre o que se considera auxiliar e o que se considera aspectualizador, nós propomos que sejam tratados como formadores de perífrases verbais, pois essa unificação tenderia a deixar o trabalho lingüístico menos complexo. Ficaria assim, somente a tarefa de distinguir que tipo de leitura as perífrases denotam: ou temporais, ou aspectuais; com operadores sobre o evento (aspectualizadores) marcando um ponto no tempo ou simplesmente sendo inclusos dentro do intervalo de tempo (auxiliares).

RESUMO: Nosso trabalho demonstra que perífrases verbais no PB têm diferentes sentidos: temporalizam um evento, aspectualizam-no ou marcam um instante de tempo. Essa diferenciação se dá devido ao uso do auxiliar aliado ao tempo em que é empregado, à associação ao uso do gerúndio, marcando assim, habitualidade, iteratividade, perfectividade ou imperfectividade.

PALAVRAS-CHAVE: aspecto, semântica, perífrase verbal, perfectividade, imperfectividade.

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- BERTINETTO, P. M. *On a frequent misunderstanding in the temporal-aspectual domain: the 'perfective-telic confusion*. In: CECHETTO, C. et alii. *Semantic Interfaces: reference, anaphora and aspect*. Stanford: CSLI Publications. 2001.
- CAMARA Jr., J. M.. *História e estrutura da língua portuguesa*. 3. ed.. Rio de Janeiro: Padrão, 1979.
- CANÇADO, M. *Manual de Semântica: noções básicas e exercícios*. 1. ed. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2005.
- CARDOSO, A. & PEREIRA, S. *Contributos para o estudo da emergência do tempo composto em português*. In Revista da ABRALIN, vol. 2, n. 2, p. 159-181, 2003.
- CASTILHO, A. *Introdução ao estudo do aspecto verbal na língua portuguesa*. Marília: Alfa, Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, 12, 1967.
- CASTILHO, A. T. de; MORAES de C., C. M. *O aspecto verbal no português falado*. In: VIII Seminário do Projeto de Gramática do Português Falado. Campos do Jordão. 1994. (mimeo)
- CAVALLI, S. *Perífrases verbais (vir+gerúndio e ter+particípio) e iteratividade* comunicação apresentada em VI FORUM DE LETRAS da PUCPR, 2005 Curitiba. (CD-ROM).
- CAVALLI, S. & WACHOWICZ, T.C. *Verbos auxiliares vs aspectualizadores* Simpósio apresentado em 54º seminário do GEL – UNESP- Araraquara-SP, 2006 (handout).
- COMRIÉ, B. . *Aspect*. Cambridge: Cambridge University Press. 1976.
- DOWTY, D *Word Meaning and Montague Grammar*. Dordrecht: Kluwer. 1979.
- FOLTRAN, M. J. D. *Construções de Predicação Secundária do Português do Brasil: aspectos sintáticos e semânticos*. São Paulo, 1999. 206 f. Tese (Doutorado em Lingüística) – FFLCH, Universidade de São Paulo.
- ILARI, R. *Notas para uma semântica do passado composto em português*. In: 4º CELSUL. Curitiba/UFPR, 2000. (mimeo)
- ILARI, Rodolfo et al.. *Considerações sobre a posição dos advérbios*. In CASTILHO, A . T. de (Org.). *Gramática do português falado: a ordem*. Campinas: Ed. da Unicamp, 1990. v. 1, p. 63-141.
- ILARI, R; MANTOANELLI, I. *As formas progressivas do português*. In: *Caderno de Estudos Lingüísticos*. Campinas: IEL, Unicamp, n. 5, p. 27-60, 1983.
- LONGO, B. de O.; CAMPOS, O.de S. *A auxiliaridade: perífrases de tempo e aspecto no português falado*. In: *Gramática do português falado: Volume VIII - Novos estudos descritivos*. Campinas/SP: Ed da Unicamp, 2002.
- MATTOS-e-SILVA, Rosa Virgínia. *Estruturas trecentistas: elementos para uma gramática do português arcaico*. Lisboa: Imprensa Nacional, 1989.
- NEVES, M. H. M. *Gramática de usos do Português*. São Paulo. Editora Unesp, 2000.
- PERINI, M. A. *A gramática gerativa: introdução ao estudo da sintaxe portuguesa*. Belo Horizonte: Vigília, 1976.
- PUSTEJOVSKY, J. *The Generative Lexicon*. Cambridge: Mass.: MIT Press. . 1996
- REICHENBAC, H. *Elements of Symbolic Logic*. London: Macmillan, 1947.
- SQUARTINI, M. *Verbal periphrases in Romance: aspect, actionality and grammaticalization*. Berlin; NY: Mouton de Gruyter, 1998.
- SWART, H de. *Introduction to natural language semantics*. Stanford: CSLI, 1998.
- VENDLER, Z. *Linguistics in philosophy*. Ithaca (NY): Cornell University Press, 1967.
- VERKUYL, H.J.. *Aspectual classes and aspectual composition*. *Linguistics and Philosophy*, n. 12, 1989.
- WACHOWICZ, T. C. *O aspecto do auxiliar*. Comunicação apresentada em reunião do GT "Teoria da gramática" da ANPOLL, Ouro Preto/MG, 2005 (Fotocopiado).